

# 62

Diário de Notícias

**SONS**

**Chico Buarque está de volta com 'Carioca'**

Chama-se 'Carioca' e vem colmatar uma ausência de oito anos. Chico Buarque tem 12 músicas novas e concedeu, na sua casa de Paris, uma entrevista ao DN em que fala dos segredos da criação

**IMAGENS Novo filme de animação da Pixar**

Agora já integrada no império Disney, a Pixar regressa com mais uma longa-metragem de desenhos animados: 'Carros', de John Lasseter, é um espectáculo integralmente fabricado em computadores

25 Esta revista é parte integrante do 'Diário de Notícias' n.º 150 (30 de Junho de 2006) e não pode ser vendida separadamente



**JOÃO BÉNARD DA COSTA**  
**UM FILME**  
**CONTADO**





# FILME DE UMA EXCEPÇÃO

**Amanhã, João Bénard da Costa será reconduzido na presidência da Cinemateca.  
O percurso de alguém que recusa uma reforma burocrática**

TEXTOSABEL LUCAS





# ALGUMA COISA LÁ DE CASA

**E**ra uma certeza. Iria morrer em 2000, aos 65 anos. Chegou até a marcar um dia. Não por se achar dono e senhor do seu destino, como contou, mas apenas por acreditar, talvez por superstição, que aconteceria assim. João Bénard da Costa 1935-2000, brincou, quando no jornal *República* lhe pediram uma autobiografia. Ironia a esconder uma angústia que só terminou no momento em que o número deixou de ser redondo. Passaram seis anos. Aos 71, tenta não se demorar na conta do tempo que passa. Nem quando as leis do país ditam a hora de se retirar de uma função estatal, esgotada a exceção que permitiu prolongar por um ano a seu cargo de presidente da Cinemateca após ter atingido, em 2005, a idade limite. Quem tem o poder para alterar as regras prometeu abrir nova exceção, na sequência de um abaixo-assinado e várias manifestações de opinião, a maioria a lembrar méritos de alguém que não parece disposto a resignar-se a uma reforma ditada pela burocracia, fazendo ouvidos moucos aos que o acusam de ser egocêntrico.

Que percurso pessoal conduziu a esta exceção na lei e a um unanimismo que poucos - mesmo os que dele discordam - ousam questionar? O de alguém que quando recebeu o Prémio Pessoa, em 2002, disse não se achar 'pessoa para Pessoa' e à justa ou não da distinção respondeu com um poema de Sophia de Mello Breyner - "Porque a tua alma foi visual até aos ossos / Impessoal até aos ossos / Segundo a lei de máscara do teu nome". Confessou então: "Só em obediência a essa 'lei da máscara', posso concordar que alguma justiça poética acontece quando hoje me dão o Prémio Pessoa." E foi o mais que disse após declarar: "Espero do tempo, se, como peço, ainda me for dado tempo, contar desses outros caminhos ou corredores, com a mesma paixão com que contei tudo." Nas crónicas, nos filmes que selecciona, nas memórias que vai escrevendo e cada vez menos nas entrevistas que, por agora, se tem escusado a dar.

A vida deste homem "profundamente re-

vivalista", que gosta de "rever os filmes" que já viu, de "frequentar as mesmas pessoas", de ser "muito apegado às coisas do passado" conta-se a partir de 1935, ano em que nasceu em Lisboa, e está colada ao cinema desde o primeiro filme a que assistiu, ainda muito pequeno, e longe de saber que "ver é a coisa mais difícil do mundo", como reconheceria mais tarde. Foi *O Pinóquio*, no Tivoli, e lembra-se que chorou. Já contou esta história muitas vezes, com todos os pormenores, como contava os filmes que ia ver, já pelo seu pé, a partir dos oito nove anos. Aventuras e piratas.

## A formação

Colecionava informações sobre actores e atrizes, como colecciona ainda bonecos, dos "mais *kitsh* ao de antiquário", postais de cinema ou pintura, livros, discos, vídeos e DVD. "Naquela altura não fazia a mínima ideia de quem era o realizador. Começava apenas a identificar alguns actores, sobretudo secundários, que se especializavam em determinados papéis, ou a heroína, quando a achava muito bonita. E depois de ver um filme que gostava muito, a minha única vontade era voltar a vê-lo." (*DN*, Agosto de 2001). Situa nessa época uma das suas primeiras paixões na tela: Jennifer Jones, em *The Song of Bernadette*. Teria outras. Alida Valli, Esther Williams, Maureen O'Hara, Gene Tierney, Joan Crawford, Joan Fontaine, Greta Garbo...

São memórias da década de 40, contemporâneas de outras que lhe ensinaram que a vida pode ser muitas vezes um mau filme: a II Guerra Mundial, a ameaça de uma invasão da Península Ibérica pelos alemães e a primeira bebedeira, aos dez anos, quando decidiu juntar-se à festa, solidário com a alegria dos vizinhos polacos do rés-do-chão, passado que estava o perigo com a vitória dos aliados.

Cinco anos mais tarde, conhece Alberto Vaz da Silva no liceu Pedro Nunes. Ficaram amigos. Até hoje. "Vivíamos perto, na António Augusto de Aguiar, conhecíamos-nos de vista, da igreja e do barbeiro, o Sr. Raul." Vaz da Silva, companheiro n' *O Tempo e o Modo*, na

Moraes, nos cineclubes, no Centro Nacional de Cultura, recorda agora as cumplicidades que se prolongaram. "Adorávamos ler, ouvir música. Poupávamos todos os tostões para comprar discos e ir à ópera. Tínhamos assinatura desde os 16 anos, no terceiro balcão do S. Carlos.."

Como refere aquele viria a ser marido de Helena Vaz da Silva, ainda não era a altura dos namoros e Bénard ainda não conhecera Ana Maria, sua mulher até hoje, com quem teve quatro filhos. A paixão era o cinema, atizada por "filmes que as nossas mães nos proibiam de ver". *Belinda, Escrava do Silêncio*, de Jean Negulesco, em que havia uma violação, ou *O Duelo ao Sol*, de King Vidor. Respeitavam essas proibições? "Não, mas tínhamos imensos problemas de consciência." Havia também a música. Era o tempo da Juventude Musical Portuguesa, do Ciclo de Cultura Musical, com grandes concertos em Lisboa impulsionados por Freitas Branco, "absolutamente decisivo".

O interesse pelas artes e pelas letras contrastava com a aversão de Bénard à ciência e, sobretudo, ao desenho. Chumbou no quinto ano de liceu, o "pior ano" da sua vida, de acordo com a sua memória de qual se gaba de ser ótima. É mais uma vez Vaz da Silva a descrever o que qualifica de inaptidão crónica. "É pouco habilidoso manualmente, lida mal com o mundo material. Foi um sarilho para tirar a carta, teve grandes problemas no 5º ano, com o pai, porque chumbava sistematicamente a desenho. Foi necessário escrever uma carta ao ministro a pedir dispensa, alegando incapacidade manual. O pedido foi aceite, mas a alegria de Bénard diluiu-se no desconforto de se sentir "um anormalzinho" (*Público*, Setembro de 2001).

Aplicou-se e terminou o liceu com média de 18. Na universidade, entrou para Direito. Não aguentou mais de três meses. Apesar da resistência da família, mudou-se para Histórico-Filosóficas, curso que juntava duas das suas paixões: a História e a Filosofia.

Iniciou-se na política na Faculdade de Letras de Lisboa, através da Juventude Católica Portuguesa (JUC). "Achava que a Igreja tinha

um papel fundamental a representar na transformação do homem." Era também uma forma de ser oposicionista fora das fileiras do PC, além de uma militância convicta. "Sempre foi um homem de ideias", define-o Vaz da Silva, que sublinha a influência do então cónego António dos Reis Rodrigues, "homem muito inteligente, formado em Direito, difícil de temperamento e de carácter, rebarbativo e complexo, mas que com o João teve uma amizade profunda. Aparava-nos a excessiva truculência e espírito subversivo, mas era cem por cento de Igreja. Tinha um papel de educador fero, de deus monoteísta."

## A militância

Bénard da Costa já substituíra João Salgueiro na presidência da JUC quando se envolveu directamente na campanha de Humberto Delgado, em 1958. "Em 58 muitos de nós foram 'longe de mais': posições públicas de apoio ao general Delgado, primeiros manifestos de católicos em corte com o regime. Fomos (quase) todos rapidamente saneados", escreveu no *DN*, nos 20 anos da revista *O Tempo e o Modo*, em 1983. Tinha 23 anos e começara no cineclubismo, fundando com Vaz da Silva, o Centro Cultural de Cinema. Esses tempos marcaram-no de tal forma que diz ser um 'homem de 50'. "A minha geração é a dos anos 50. Formei-me em 58, casei-me em 58, tive o primeiro filho em 59, conheci os meus grandes amigos nos anos 50. Todas estas paixões, o cinema, a música, a literatura, tudo isto aconteceu nos anos 50", confessou ao *Diário de Lisboa*, em 1990.

Entre os amigos estava António Alçada Baptista, uns anos mais velho, então dono da editora Moraes e, como ele, católico, que influenciado pelos franceses do *Esprit* e da ideologia do personalismo cristão, quis implementar em Portugal um projecto de vida comunitária suportado por uma revista onde tivessem liberdade de expressão. O projecto esteve próximo de se concretizar. Foi no início dos anos 60. *O Pacto* - assim se chamava - era feito com a geração de católicos vinda da



juventude universitária. “*O Pacto* foi uma espécie de tentativa de organizar uma comunidade independente do ‘sistema’, onde, além de vivermos em comum, tínhamos previsto um conjunto de regras que organizavam essa vida comunitária ao serviço dos outros e, sobretudo, inteiramente fora de um estilo de vida que era o que estava previsto para o nosso destino” (*A Pesca à Linha*, Presença, 1998).

Não chegou a concretizar-se. Alçada arrisca um motivo: “A falta de maturidade e de conhecimento do mundo e de nós próprios e, sobretudo, a série de interrogações que hoje tenho em relação ao andamento do tempo e às perspectivas possíveis de uma nova civilização, fariam talvez que a fórmula escolhida tivesse em si o germe da sua fragilidade.”

Mas nem tudo se perdia. Desse grupo e do projecto de viver de uma editora - a Moraes - nasceu, em 1963, a revista *O Tempo e o Modo* (TM). António Alçada Baptista era o director, Pedro Tamen o editor e Bénard da Costa o chefe de redacção. “Foi resultado da necessidade que nos pareceu evidente de ter um órgão e intervenção que nos mostrasse o nosso empenhamento em manter diálogo e alianças com a oposição tradicional” - escreve Alçada Baptista nas suas memórias - “A minha amizade com Mário Soares e o Francisco Salgado Zenha facilitou muito esse entendimento.”

Antes, a Moraes lançou uma colecção de ciências humanas. O primeiro título foi *O Personalismo*, de Emmanuel Mounier, traduzido por João Bénard da Costa, que fizera a sua tese de licenciatura sobre a vida e obra do fundador da revista *Esprit*. Mounier inspirou a abertura da TM a não-católicos, decisão que não foi consensual, como relata Guilherme de Oliveira Martins no prefácio da antologia da primeira série da revista. “Abrir ou não abrir? - eis a questão. Foi feita uma votação. João Bénard da Costa recorda: ‘um de nós sugeriu que se rezasse uma Avé-Maria para que o Espírito Santo nos iluminasse’. Resultado: cinco votos a favor da abertura, dois contra. Abertura decidida.” Vencera o lado ecuménico. O que Bénard da Costa não disse aqui, mas que haveria de revelar numa entrevista, é que a ideia da Avé-Maria foi dele.



### A Moraes

Houve polémica logo ao primeiro número, em Janeiro. Mário Soares e Jorge Sampaio assinaram dois artigos, mas no centro da controvérsia estava a secção de Artes e Letras, coordenada por Alberto Vaz da Silva, com textos sobre Agustina Bessa-Luís, M.S. Lourenço e Herberto Helder. Nenhum destes autores era crítico do regime, e muitos intelectuais viram nisso um sinal reaccionário. Abriu-se a discussão sobre a relação entre a arte e a política que se intensificaria uns números adiante. O facto mereceu o comentário a Bénard da Costa: “*comme ces républicains peuvent être réactionnaires en matière d’art*”.

Vasco Pulido Valente chega à revista como sub-chefe de redacção. Contaria a experiência 20 anos mais depois, num artigo a que deu o título *Éramos assim absurdos em 1963*. “Foram atribuída a missão de ‘controlar’ o chefe, João Bénard, que os bons revolucionários acusavam de desvios de direita. Esses desvios consistiam essencialmente nos critérios por que ele orientava a secção Artes e Letras, onde colaboravam apreciadores de cinema americano e de Agustina Bessa-Luís (cúmplice da redacção) e detractores do neo-realismo e do realismo socialista. Cabia-me (...) substituir Agustina, Sena e Régio, por Namora, Urbano Tavares Rodrigues e Abelaira; e assegurar que as críticas de livros, pintura ou teatro não atrasassem a grande luta do povo português...” Pulido Valente fala de um “choque cultural”, o de um jacobino a quem os católicos inspiravam medo, quando contactou os fundadores da revista, incluindo Bénard. “João Bénard restaurou-me transitoriamente a fé, advogando com calor que, não sendo casado, havia certas actividades que me eram proibidas e nocivas.” E continua: “Como podia um homem com semelhantes opiniões combater sinceramente pelos oprimidos? Mas por outro lado, à porta as Artes e as Letras, João Bénard punha-se invariavelmente nas posições correctas, do Vietname à Itália, manifestava ardores revolucionários domésticos e esforçava-se por moderar António Alçada.”

João Bénard da Costa passou de chefe de redacção a director entre muitos cismas, algumas provocações à censura, bastantes confrontos. Serviram-lhe para esclarecer a sua concepção de arte. A arte “não serve, é!, defendeu. “A arte é uma forma de nos defendermos contra a morte e uma forma de compensação diante do terror que a vida inspira”, responderá a um jornalista. “Como a religião, a arte é uma tentativa para o homem se aproximar da transcendência, criando algo que ficará para além dele próprio”, completará. Agustina Bessa-Luís revê-se nessa leitura e lembra, agora, as circunstâncias em que se deu a “defesa do seu nome” na *TM*. “Eu era uma mulher um bocado aberrante para a época, esse azedume transferiu-se para uma ideia que se impunha: evitar o mais possível o meu sucesso.”

Nas páginas da *TM* Bénard deu também sinais do seu afastamento da Igreja, sobretudo no texto *Os Silêncios do Vaticano*, em Maio de 67. Explicará, anos depois, como se deu a ruptura. “Realizo interiormente que a Igreja é acima de tudo uma instituição terrena (...) O que digo nessa altura é: ‘Abandono esta Igreja, ninguém me apanhará noutra, nem nas que acreditam em Marx, pai, e Lenine, seu único filho.’ Não foi um afastamento do cristianismo, mas do que tinha muito acreditado como um sentido da Igreja, uma finalidade, uma comunidade em movimento. Em *Os Vencidos do Cristianismo* (Assírio & Alvim, 2003) situa o momento do corte: 13 de Maio de 1967, quando Paulo VI visita Portugal.

Coincidiu com a revolução social e sexual, a que poucos resistiram. Os mais próximos acharam natural o afastamento de Bénard do catolicismo. Não da fé, como sempre fez questão de esclarecer: “Sou culturalmente católico. Rezo. Não consigo deixar de acreditar numa vida depois da morte, na existência de Deus, seja ele qual for.”

É o momento em que se “sente mais à esquerda”. Em 1969, integra a lista de oposição da CDE (Comissão Democrática Eleitoral) ao lado de Jorge Sampaio, Vítor Wengorovius, José Manuel Galvão Telles, Lindley Cintra. “Era uma grande caldeirada entre uma série de ex-católicos mais ou menos revolucionários, o PC, e libertários anarquizantes. E a ideia de que íamos empalar o PC em três tempos. Como era óbvio o PC não estava a dormir e tinha uma organização que nós não tínhamos. Mas, em 69, éramos as vedetas: foi isso que levou a que o Mário Soares tivesse oito por cento e a CDE 20 por cento”.

Em 1970, deixa a *TM*, alegando que a revista fora “tomada de assalto” pelo MRPP. “Foi um assalto que se fez gradualmente. Eu próprio tive enormes responsabilidades na tentativa de abertura a todo o pensamento que fosse livre de qualquer espartilho ideológico e em oposição clara aos embriões dos vários partidos. Ora quando estava a fugir de gente do PC, vou chamar pessoas que eram pró-chineses, embora nessa altura fosse ainda tudo muito vago. Quando já constituíam um núcleo importante começaram a querer do-

minar a revista. O guru de fora, mas com uma pequena colaboração ainda no meu tempo, era o Arnaldo Matos. Mas a pessoa decisiva – apesar de ele uma vez se ter zangado comigo por eu ter dito isto – foi o Amadeu Lopes Sabino, que era o sub-chefe de redacção.”

A zanga deu-se nas páginas do *DN*, em 1983. Num artigo com o título *Outro Tempo outro Modo*, Lopes Sabino dá a sua versão dos acontecimentos: “... entrei muito antes disso para o *TM* e a minha vivência da revista não se confunde com a fase final. Foi em fins de 1967 (...) que, integrado num grupo que João Bénard designa por esquerda contestativa, fui convidado para fazer parte da redacção da revista (...) fui escolhido para chefe de redacção da nova série (...) que se iniciou em Novembro de 1969 – ao mesmo tempo que o João Bénard era designado director e pelo menos, com a sua concordância. Progressivamente a maioria da redacção distanciou-se do director (...) e aconteceu que eu acompanhei essa maioria.”

Chegava ao fim, para Bénard da Costa, aquele que o seu amigo Vaz da Silva considera ter sido o seu grande projecto de juventude e que, na sua vida, só rivaliza com a Cinemateca. Activamente, só voltou à política no pós-25 de Abril. Garante que nunca com ambição política, mas com “a noção de que era preciso estar na luta. Isso foi sempre uma coisa muito clara para mim, disse-o muitas vezes: no dia em que houver democracia em Portugal não tenho mais actividade política.” Ainda integra o MES (Movimento de Esquerda Socialista), na altura definido como “o menos radical dos partidos radicais”. Entre Maio e Dezembro de 1974. Funda o GIS (Grupo de Intervenção Socialista) que dura até 1978, altura da sua adesão ao PS. Afastou-se para regressar nas comissões de honra das campanhas presidenciais de Soares e de Sampaio. Revelou um dia que sempre votou PS.

#### O cinema

Em 1977 entra para a Fundação Calouste Gulbenkian, onde organiza ciclos de cinema com muitas obras até há pouco proibidas em Portugal. Na programação que levou ao Grande Auditório da Fundação, tem uma perspectiva de “formador”. Insiste em Rossellini, no cinema americano de 30 e 40. Diz que foi a partir da Gulbenkian que o cinema ocupou o primeiro lugar na lista dos seus interesses, sempre repartidos entre a música, a

**“Abandono esta Igreja, ninguém me apanhará noutra, nem nas que acreditam em Marx, pai, e Lenine, seu único filho”**



pintura, a literatura. São as artes de Bach, Ticiano, Dante e Homero, nomes maiores entre os criadores. Sem nunca ter pintado um quadro, composto uma peça musical ou realizado um filme, declara que a sua expressão é a escrita. “É bastante fácil para mim traduzir por palavras aquilo que eu vi ou recebi em imagens. Não só no cinema mas também na pintura.”

Associando as palavras às imagens, faz aos espectadores de cinema o mesmo que fazia aos amigos na infância: fala-lhes de filmes. A quem entra nas sessões é distribuído um “policopiado” com informações sobre o filme, actores, realizador, o estilo em que se insere. Terá ajudado a criar uma nova geração de cinefilos. Manuel S. Fonseca, editor da Guerra & Paz, que viria a ser programador da Cinemateca e director de programas da SIC, frequentava essas sessões. “Não se conhecia o João Bénard. Tinha-se a ‘visão’ dele. E a minha primeira visão foi a de um anjo ‘capriano’ que distribuía bilhetes no imenso Átrio da Grande Gulbenkian para os esgotadíssimos filmes do divino e genial Rossellini. Depois confirmei que a grandeza era, é, e será sempre a sua senha e contra-senha.”

Bénard da Costa importará o método quando Vasco Pulido Valente, então secretário de Estado da Cultura do Governo AD, o convida para sub-director da Cinemateca na direcção de Luís de Pina. Recorda que teve a oposição do CDS, parceiro na coligação, que o considerou um “perigoso esquerdista”. Aceita o convite, mas mantém-se, até 1991, responsável pelo sector de cinema do serviço de Belas Artes da Gulbenkian. “Lembro-me de chegar à Cinemateca e sentir um movimento de espanto e até de receio: ‘Quais vão ser as ideias deste maluco?’”, comentará.

Em 1991, com a morte de Luís de Pina, assume a direcção da Cinemateca, uma nomeação vista como natural. Ironia, o convite veio de outro social-democrata, Pedro Santana Lopes, na época, secretário de Estado da Cultura. “As duas nomeações oficiais da minha vida devo-as ao PSD e não ao PS, que nunca me nomeou para nada.” A frase é de 97. Em 98, Jorge Sampaio nomeia-o presidente da comissão organizadora das comemorações do Dia de Portugal, cargo que ainda mantém. Em 2005, Isabel Pires de Lima prolonga-lhe o mandato na Cinemateca e em 2006 prepara-se para renovar a decisão.

Há 26 anos que Bénard da Costa está na Cinemateca. Muito se tem escrito sobre a relação que mantém com a casa da Barata Salgueiro. Manuel Fonseca trabalhou com ele na programação e recorre ao cinema para descrever essa relação de trabalho: “Era a mesma relação que John Wayne, perdão, o Capitão Nathan Brittles, tem com o Fort Stark, que comanda no filme *She Wore a Yellow Ribbon*.” Uma relação “tecida por complexas fidelidades, uma paixão em que amador e coisa amada se fundem com tanta intensidade como nostalgia, um rebuscadíssimo e heróico sentido de missão que dá a cada gesto um significado épico. É por isso que João Bénard pôde



**“A escrita dele não mudou, o que é raríssimo. Mas ele também não mudou. É uma escrita muito pequenina, com as letras todas separadas”**

ser guerreiro a defender a projecção do *Je Vous Salue Marie*, sentir-se no sétimo céu a receber Claudette Colbert, Jane Russell ou Sarita Montiel, ou ser inabalável e obsessivo quando decide que só faz uma retrospectiva integral”.

#### O gosto

Diz quem o conhece que construiu uma Cinemateca à sua imagem. Vaz da Silva, que o conhece como poucos, afirma: “Percebo que ele tenha grandes oposições, porque é extremamente parcial, nos julgamentos. Vive naquele mundo e o mundo que não é o dele não existe. Parece que uma das coisas de que é acusado é de não inovar, não deixar fazer cer-

tos projectos, não ser sensível a certas aberturas. Não estranho. Ele é assim em tudo. É um tradicionalista apegado aos rituais. Nesse aspecto é pouco inovador, pouco moderno.” Nas festas de Natal, nas ementas, nos fatos, nas gravatas. “Precisa dessas balizas, porque tem um lado lunar muito forte, é muito distraído e essas coisas chamam-no à terra”, justifica Vaz da Silva, um apaixonado pela grafologia que apresenta a escrita de Bénard como exemplo desse carácter imutável. “A escrita dele não mudou grafologicamente, o que é raríssimo, mas ele também não mudou. É uma escrita muito peculiar, muito pequenina, as letras todas separadas e não muito inteligível, como o mundo dele também não é muito inteligível.” Nunca mexeu num computador. “Desde que o conheço, que escreve naqueles blocos Castelo. Há pouco tempo foi condecorado na Embaixada de Itália e lá estava ele a folhear o bloco enquanto discursava, passando as folhas.”

É o Bénard mais íntimo. Na Cinemateca não imagina como seja. Manuel Fonseca dá uma ajuda. “Tem uma dimensão intelectual que impressiona e intimida. Lembro-me de um Conselheiro Cultural da Embaixada de França, que já tinha tido missões de fazer inveja ao Rumsfeld, me ter dito que ficava constrangido e sem fala (...) quando entrava no gabinete dele. Dessa dimensão o João Bénard não abdica, o que incomoda muita gente que

acha conveniente ‘facilitar’ nos processos de trabalho do dia a dia. Tenho a certeza de que há uma centena de coisas em que, até com razão, se possa não estar de acordo com ele, mas na forma como confere grandeza a cada tarefa, fazendo com que a simples publicação de um texto sobre um filme seja um acto de abnegação e combate, está na chave do perfil de quem, como ele, é *‘bigger than life’*.”

Frederico Lourenço foi responsável por esses textos entre 89 e 94. “Tinha terror de que ele não gostasse”, confessa. Afilhado de Bénard da Costa, lembra a relação “muito pedagógica”. “Foi um segundo pai, uma pessoa que me ensinou imenso sobre cinema e literatura. Empréstava livros e discos. Tem uma discoteca mítica, toda a histórica estava em casa dele. Era fascinante, o tio João.” Na Barata Salgueiro o trato era mais formal. “Passei a conhecê-lo melhor como autor e deixei-me influenciar muito. Senti isso quando escrevi crítica de cinema, no *Público*, e via-me a ver os filmes como se fosse o Bénard da Costa.” E como é que Bénard da Costa vê os filmes? “Tem uma ideia muito definida do que gosta e não gosta. Não vê tanto a cor cinzento. Vê as cores muito definidas. Quando gosta de determinado cineasta tudo quanto essa pessoa fizer é sempre maravilhoso ai de quem vier dizer que não é assim!”

Bénard já se explicou sobre isso. Disse que enquanto presidente da Cinemateca não lhe compete fazer juízos de valor, mas tem de pensar no que está a mostrar, “fazer uma certa

educação de gosto. Não me repugna nada esse dirigismo.”

E gosta tanto de algumas coisas que já as tornou lenda. Escreveu sobre elas nas crónicas do *Independente*, depois nas do *Público*, no volume *Os Filmes da Minha Vida*, no livro *Muito lá de Casa*. Diz que se revela sempre que escreve sobre um filme. E revê-se, tantas vezes quantas lhe pedir a vontade e lhe der o tempo. Revê-se em *Johnny Guitar*, de Nicholas Ray, filme que viu “milhares de vezes”. Com viu *Vertigo*, *A Janela Indiscreta* ou *Os Pássaros*. Vê-se menos quando é ele quem está na tela, como actor. “Tenho uma grande dificuldade em ver a minha imagem”, confessou. Nessa qualidade, coleciona uma filmografia “respeitável”: 23 títulos. O primeiro foi *O Passado e o Presente*, de Manoel de Oliveira, e sob pseudónimo: Duarte de Almeida. É assim que assina Bénard, o actor. Essa participação não o impediu de escrever uma crítica – elogiosa – sobre o filme no *Independente*. Reservas? “Não”, responde. “O facto de ter entrado no filme não tem nada a ver.”

1. Nos 25 anos da Cinemateca, com Luís de Pina e Mário Soares (1983)
2. Tomada de posse, com Stana Lopes (1991)
3. Na reabertura da Cinemateca (2003)
4. Com a mulher, Ana Maria (início de 60)
5. Com Pedro Tamen, na Gulbenkian (1979)
6. Com Helena Vaz da Silva, na Praça de S. Marcos (1967)
7. Lisboa, Abril de 74 (Bénard ao centro)

dança

CCB CENTRO DE ESPECTÁCULOS

**SIDI LARBI & AKRAM KHAN**

5 | 6 JULHO 21h

**ZERO DEGREES**

LES BALLETS C DE LA B & AKRAM KHAN COMPANY

CCB EM COLABORAÇÃO COM O FESTIVAL DE ALMADA

teatro

**ESODO**

DE PIPPO DELBONO

13 | 14 JULHO 21h

www.ccb.pt